

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO- UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA- CESP
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA E HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

ANA PAULA FERREIRA SILVA

**LITERATURA DE CORDEL CONTEMPORÂNEA: BRÁULIO BESSA E A
IDENTIDADE NORDESTINA**

Presidente Dutra- MA

2022

ANA PAULA FERREIRA SILVA

**LITERATURA DE CORDEL CONTEMPORÂNEA: BRÁULIO BESSA E A
IDENTIDADE NORDESTINA**

Monografia apresentada junto ao Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para obtenção do grau de Licenciado em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Esp. Marrony da Silva
Alves

PRESIDENTE DUTRA – MA

2022

Silva, Ana Paula Ferreira.

Literatura de cordel contemporânea: Bráulio Bessa e a identidade nordestina / Ana Paula Ferreira Silva. – Presidente Dutra, MA, 2022. 45f.

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientadora: Profa. Esp. Marrony da Silva Alves.

1.Bráulio Bessa. 2.Literatura de cordel contemporânea. 3.Mídias digitais.
I.Título.

CDU: 821.134.3(812/813)-91

Elaborado por Giselle Frazão Tavares - CRB 13/665

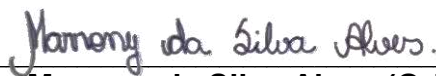
ANA PAULA FERREIRA SILVA

**LITERATURA DE CORDEL CONTEMPORÂNEA: BRÁULIO BESSA E A
IDENTIDADE NORDESTINA**

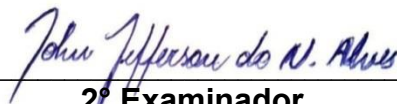
Monografia apresentada junto ao Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para obtenção do grau de Licenciado em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Aprovada em: **14/01/2022.**

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Esp. Marrony da Silva Alves (Orientadora)
Especialista em Docência do Ensino Superior
Universidade Estadual do Maranhão



2º Examinador



3º Examinador

Dedico este honroso trabalho
indubitavelmente a Deus, que sem ele
nada seríamos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela dádiva da vida e por tudo que tens feito nela até hoje e por tudo que ainda irá fazer.

Sou grata a minha família, que mesmo não entendendo muito sobre a relevância de finalizar uma graduação, de alguma forma teve uma imensa contribuição.

Aos meus colegas de turma, em especial, minhas amigas Gizele, Telma, Samara e Susana que tiveram uma contribuição imensurável durante a finalização dessa jornada.

A todos os meus professores, que se propuseram a dar o seu melhor, causando um despertar em minha vida, ajudando nessa construção de conhecimentos que teve continuidade na vida acadêmica.

Deixo também um agradecimento especial a minha orientadora Profa. Esp. Marrony da Silva Alves, que mesmo com seu tempo escasso e outros, teve muita paciência e dedicação.

Enfim, para todos que de alguma forma contribuiu direta ou indiretamente para que este trabalho fosse realizado. Muito obrigada!

RESUMO

A literatura de cordel, foi concebida em berço popular nordestino, consegue adentrar, ao decorrer do tempo, os espaços de renome na sociedade brasileira, ora por meio de referências às inovações tecnológicas, ora pelo uso do ciberespaço para a produção e a difusão dessa poesia. A partir desse processo de transformação, a presente pesquisa procurou fazer um estudo sobre a produção de cordel antiga e atual, diante da realidade de que esta desaparece do folheto e adentram as mídias digitais, usando como corpus principal um dos expoentes da cultura popular nordestina, o poeta contemporâneo Bráulio Bessa em algumas de suas produções veiculadas neste espaço, com o intuito de observar as notórias mudanças no gênero, levando em consideração a influência das tecnologias e a sociedade midiática. Foi realizada uma análise inicial sobre o acesso dos indivíduos ao referido gênero, além da conjuntura performática de Bráulio Bessa enquanto poeta e cantador. A justificativa desta monografia pauta-se nas mudanças na sociedade, bem como os avanços tecnológicos, sempre foram acompanhadas pelos folhetos, tendo o poeta o papel de informar e representar a população, mantendo-se bem informado e lançando mão das diversas formas de propagação da sua arte poética. Como metodologia para a realização desta monografia utilizou-se da pesquisa bibliográfica, resultando como principal aporte teórico os estudos de Assis; Tenório; Callegaro, (2012), Bessa (2018), Haurélio (2016), e Nascimento; Santos (2015). A pesquisa ressalta a origem do cordelista nordestino, juntamente com as características poéticas da literatura de cordel e sua trajetória, bem como a relação de cordel e mídia, os fatores que tiveram influência na formação do cordelista Bráulio Bessa, suas produções nas redes sociais e na TV, ressaltando as mudanças observadas no gênero em âmbito geral e específico em sua arte. Tais transformações são consequências de como se articularam os elementos da prática social, internalizados no momento determinado, conferindo uso de diferentes suportes e produtos da atualidade. A literatura de cordel, embora faça uso de novos recursos, ainda permanece valorizando a cultura popular, sem alterações naquilo que já estava fixo, como por exemplo, a métrica. As produções literárias atuais mostram as especificidades de seu tempo, sem desprezar toda a sua história.

Palavras-chave: Bráulio Bessa. Literatura de cordel contemporânea. Mídias digitais.

ABSTRACT

Cordel literature, conceived in a popular Northeastern cradle, manages to enter, over time, renowned spaces in Brazilian society, sometimes through references to technological innovations, sometimes through the use of cyberspace for the production and dissemination of this poetry. From this transformation process, the present research sought to study the production of old and current twine, given the reality that it disappears from the brochure and enters digital media, using as its main corpus one of the exponents of popular northeastern culture, the contemporary poet Bráulio Bessa in some of his productions aired in this space, with the aim of observing the notorious changes in the genre, taking into account the influence of technologies and media society. An initial analysis was carried out on the access of individuals to the aforementioned genre, in addition to the performance situation of Bráulio Bessa as a poet and singer. The justification for this monograph is based on changes in society, as well as technological advances, they have always been accompanied by leaflets, with the poet having the role of informing and representing the population, keeping well informed and making use of the various forms of propagation of his poetic art. As a methodology to carry out this monograph, bibliographical research was used, resulting in the studies by Assis as the main theoretical support; Tenorium; Callegaro, (2012), Bessa (2018), Haurélio (2016), and Nascimento; Santos (2015). The research highlights the origin of the northeastern cordelist, along with the poetic characteristics of cordel literature and its trajectory, as well as the relationship between cordel and media, the factors that influenced the formation of cordelist Bráulio Bessa, his productions in social networks and in TV, highlighting the changes observed in the genre in general and specifically in its art. Such transformations are consequences of how the elements of social practice were articulated, internalized at the given moment, giving the use of different supports and products of the present time. Cordel literature, although it makes use of new resources, still continues to value popular culture, without changes in what was already fixed, such as metrics. Current literary productions show the specifics of their time, without neglecting their entire history.

Keywords: Bráulio Bessa. Contemporary string literature. Digital media.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A LITERATURA DE CORDEL	11
2.1 ASPECTOS ESTRUTURAIS	14
3. DA ORIGEM AOS DIAS ATUAIS: UMA LITERATURA QUE SE REFAZ	21
3.1 DO TRADICIONAL AO CONTEMPORÂNEO.....	23
3.2 RELAÇÕES ENTRE LITERATURA DE CORDEL E AS MÍDIAS DIGITAIS.....	26
4 O CORDEL DE BRÁULIO BESSA.....	30
4.1 CORDELISTA BRÁULIO BESSA	35
4.2 A LITERATURA DE CORDEL DE BRÁULIO NAS REDES SOCIAIS E NA TELEVISÃO	36
4.3 LITERATURA NO FOLHETO X LITERATURA NA REDE	38
5 CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

O estudo monográfico presente vislumbrou como principal foco apresentar o poeta contemporâneo Bráulio Bessa e seus respectivos poemas, como destaque para o avivamento da temática do gênero literário cordel diante dos moldes tecnológicos que se enquadram a sociedade atual.

Justificou-se a escolha da mencionado tema pela necessidade de manter vivo o conhecimento sobre este gênero tão rico que pode ser utilizado em diversas formas, principalmente como ferramenta de reflexão, aprendizagem e conhecimento.

Adotou-se como metodologia para a realização desta monografia a pesquisa bibliográfica, realizada por meio do levantamento de referências teóricas de livros e artigos científicos publicados sobre a temática da literatura de cordel, dos poemas de Bráulio Bessa e da sua biografia em si. Assim, como principal aporte teórico, pode-se citar a utilização dos estudos de Assis; Tenório; Callegaro, (2012), Bessa (2018), Haurélio (2016), e Nascimento; Santos (2015).

A Literatura de Cordel é um gênero literário herdado dos colonizadores portugueses, sendo utilizada para diversos fins. Inicialmente era muito utilizada como meio de entretenimento entre as pessoas e também como meio de sobrevivência de muitos cordelistas que criavam cantigas de forma oral. Tempos depois passou a ser utilizada como meio de divulgação cultural e social, mostrando a realidade vivida naquela época e as vivências do cotidiano de seus conterrâneos.

Reportando-se a estruturação, esta monografia dividiu-se em três capítulos. O primeiro capítulo buscou expor o contexto histórico da Literatura de Cordel, trazendo pontos como o local do seu apogeu que se sabe foi na região Nordeste, tendo como primeiro precursor Leandro Gomes de Barros, que influenciou diversos autores bastante conhecidos, a exemplo: Ariano Suassuna que fez sua peça “*Auto da Compadecida*” com base nos cordéis de Barros. Nessa parte oportunizou-se também falar dos aspectos estruturais que só a literatura de cordel possui.

O segundo capítulo elucida ainda um pouco da trajetória do cordel, trazendo pontos da sua origem, mas dando ênfase a fase que essa literatura vive nos dias atuais. Nesta parte, evidencia-se que a relevância deste gênero literário é imensa desde a sua fundação, em que tinha valiosa contribuição na alfabetização de muitas pessoas dessa época, tendo como maior público as classes menos desfavorecidas,

com uma linguagem simples e de fácil compreensão. Outro ponto destacado nesse capítulo tratou da relação entre a queda da produção de cordel à maneira antiga e sua ascensão, fazendo com que os suportes midiáticos digitais, mostrassem aos envolvidos na produção de cordel uma forma moderna para criação e divulgação de suas produções. Antes era necessário ter contato direto do público alvo ou fazer a impressão dos folhetos, hoje, a internet está sendo essencial, juntamente com seus recursos, via interação midiática.

No terceiro e último capítulo buscou-se conhecer a história de Bráulio Bessa, mostrar algumas características da Literatura de Cordel nos poemas deste autor dentre as quais se podem citar questões como *Identidade, Apropriação e Consumo na Nordestinidade*.

Através dos poemas de Bessa, que teve uma maior notoriedade após fazer participações no programa “O Encontro de Fátima Bernardes”, a Literatura de Cordel Contemporânea passou a ser reconhecida nacionalmente, alcançando um grande público de todas as idades e raças. A forma de declamar seus poemas e a sua criatividade, ao se caracterizar conforme o tema do poema cativava as pessoas, prendendo sua atenção. Utilizando-se de uma linguagem coloquial e temas relevantes para a sociedade de uma forma bem simples, despertava a curiosidade das pessoas e o interesse por conhecer mais sobre esses tipos de poemas.

Os poemas de Bessa podem ser utilizados de diversas formas no meio social, já que em seus poemas os temas abordados são sobre os acontecimentos diários e atuais vividos pela sociedade brasileira. Bessa utiliza-se de seus poemas para fazer críticas sociais e reflexões sobre diversos fatos da sociedade, de uma forma simples e de fácil entendimento. Nesse sentido, ela pode ser usada como inspiração, motivação e como um meio de divulgação desse tipo de literatura que ainda há muito que conhecer e aprender.

É muito instigante investigar a literatura de cordel na contemporaneidade e observar a sua relação e reflexo, pois nos leva a refletir sobre suas reais contribuições para a sociedade, à cultura e processos evolutivos. Os estudos sobre literatura de cordel, cultura e mídia, são constantes, mas ao se estudar sobre as novas interfaces dos cordéis ou a presença e a sua estrutura na mídia digital, podem trazer um aprendizado teórico conceitual muito rico sobre o tema.

2 A LITERATURA DE CORDEL

No Brasil, a Literatura de Cordel ou cordel é conhecida também como “poesia popular” em verso ou folheto. Com base em (DIEGUES JÚNIOR, 1973, p. 3) “A literatura de cordel é assim designada pelo fato de serem os folhetos presos por um pequeno cordão em exposição nas casas onde eram vendidos”.

Cordel. Vem de corda, cordão [...]. Os folhetos eram expostos em cordões, lençois, esteiras, nas feiras, praças, portas das igrejas, bancas e nos mercados. Literatura de cordel, poesia de cordel, romance, folheto(s), arrecifes, abcs, “folhas volantes” ou “folhas soltas”, “littérature de colportage”, “cocks” ou “catchpennies”, “broadside”, “hojas” e “corridos”... São nomes que a poesia popular recebeu ao longo do tempo, na Europa e nos países latino - americanos. **No Brasil, o termo cordel se consagrou como sinônimo de poesia popular** (DOURADO, 2008, p. 1 Apud NASCIMENTO, SANTOS, 2015) (grifo nosso).

O poema intitulado *O que é Literatura de Cordel*, do cordelista Francisco Ferreira Filho Diniz, define muito ricamente e de uma forma bastante prazerosa acerca desse gênero literário.

O QUE É LITERATURA DE CORDEL
Literatura de Cordel
É poesia popular,
É história contada em versos
Em estrofes a rimar,
Escrita em papel comum
Feita pra ler ou cantar.
A capa é em xilogravura,
Trabalho de artesão,
Que esculpe em madeira
Um desenho com ponção
Preparando a matriz
Pra fazer reprodução.
(Francisco Ferreira Filho Diniz)

Expondo-se os primeiros versos do poema de Filho Diniz consegue-se inferir uma descrição bem clara do que é a literatura de cordel, fixando-a em uma cultura popular e de maneira rimada o poeta conseguiu apresentar os elementos particulares do cordel, tais como a estrutura, a xilogravura a história e a maneira como se adapta.

Analisando ainda a obra, nota-se por meio das palavras do autor que a Literatura de Cordel tem suas características na escrita popular, de forma impressa e

divulgada através de folhetos; ela herdou esse nome por causa da forma que era exposta nos mercados populares e nas ruas de Portugal, que era através de cordas, cordéis ou barbantes para serem vendidos ao público. Assim, conhecida também como folheto, sua escrita advém dos relatos orais e são feitas de forma rimada.

Mas pode ser um desenho,
Uma foto, uma pintura,
Cujo título, bem à mostra,
Resume a escritura.
É uma bela tradição,
Que exprime nossa cultura
7 sílabas poéticas,
Cada verso deve ter
Pra ficar certo, bonito
E a métrica obedecer,
Pra evitar o pé quebrado
E a tradição manter.
Os folhetos de cordel,
Nas feiras eram vendidos,
Pendurados num cordão
Falando do acontecido,
De amor, luta e mistério,
De fé e do desassistido.
(Francisco Ferreira Filho Diniz)

Filho Diniz possibilita ainda que o leitor conheça mais uma característica da literatura de cordel que trata da sua façanha em trazer marcas da oralidade na sua composição, inclui fatos do dia a dia, linguagem coloquial, temas religiosos, lendas, episódios históricos, dentre outros, por isso é considerada literatura popular, enquanto a declamação, os cordelistas recitam os seus versos de uma forma melodiosa e cadenciada, podendo ser acompanhada de viola ou não, com a finalidade de conquistarem o público Abreu (1999).

A minha literatura
De cordel é reflexão
Sobre a questão social
E orienta o cidadão
A valorizar a cultura
E também a educação.
Mas trata de outros temas:
Da luta do bem contra o mal,
Da crença do nosso povo,
Do hilário, coisa e tal
E você acha nas bancas
Por apenas um real.
O cordel é uma expressão
Da autêntica poesia
Do povo da minha terra
Que luta pra que um dia

Acabem a fome e miséria,
Haja paz e harmonia.
(Francisco Ferreira Filho Diniz)

Ainda sobre a literatura de cordel, em seu âmbito geral, têm-se apresentados, dentre esses e outros aspectos, grandes modificações, a saber, a participação direta com o público, a mudança de local de vendas das feiras e essencialmente a sua presença cada vez mais forte nas mídias digitais, aspectos estes que serão tratados mais a frente por meio dos seus aspectos estruturais como também do seu percurso histórico.

Com isso, em 19 de setembro de 2018, por meio de uma reunião realizada no Forte de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro, este gênero textual tornou-se patrimônio cultural do Brasil. A decisão foi aprovada por unanimidade pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural – órgão colegiado de decisão máxima do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional (IPHAN), o pedido foi feito e encaminhado pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC).

Sobre esse acontecimento, o professor e pesquisador cearense Oswald Barroso declarou que “o país está reconhecendo que o povo não é qualquer coisa, que suas tradições são importantes” – em uma entrevista feita ao jornal Diário do Nordeste, na edição do dia 19 de setembro de 2018 -, logo seu pensamento foi confirmado pelo IPHAN no seguinte fragmento “o patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos”, expondo a visão de que a cultura de um país se dá a partir das manifestações artísticas de seu povo.

A Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) foi fundada em 1989 com sede no Rio de Janeiro. Sua função é a de resgatar a memória da literatura de cordel, reunir os expoentes e aprofundar as pesquisas sobre essa manifestação popular. Assim, cerca de sete mil documentos, foram reunidos na academia, sendo pesquisas, livros e folhetos de cordel e conforme pesquisas atuais existem no Brasil 4.000 artistas cordelistas que estão em atividade.

2.1 Aspectos Estruturais

Embora seja considerada marginalizada e talvez por isso desvalorizada, a literatura de cordel expõem em suas produções todos os cuidados que qualquer estilo necessita para sua funcionalidade literária, preocupando-se desde a escolha do tema, o tamanho do poema, em relação à métrica, aos versos, rimas, ritmos e nas quantidades de sílabas. Logo, não é simplesmente uma literatura feita por rimas improvisadas ou com a escrita “errada”, como é conhecida por muitos.

As narrativas cordelísticas são carregadas de ação, por isso conseguem prender a atenção de seus ouvintes, tendo em vista que “nas primeiras estrofes ficamos conhecendo os heróis, heroínas e os vilões, o lugar onde se passa a história, o tipo de história (de luta, aventura humor, amor, mistério...)” (MARINHO, 2012, p. 35). As descrições rápidas são ótimas aliadas para situar e atrair o público. Ela funciona como uma divulgadora da arte cotidiana, dos autores locais e das tradições populares dentre outros.

Assim, Calvalcante (1982 sem paginação) afirma:

Não adianta querer o poeta mostrar eruditismo sem colocar as palavras difíceis em seus respectivos lugares. O Cordel sempre foi um veículo de aceitação nos meios rurais e nas camadas chamadas populares, porém precisa arte e técnica de quem escreve. Um folheto mal rimado e desmetrificado é um dinheiro perdido de quem empresa a sua edição. Existem folhetos que se tornaram clássicos, quer pelo seu conteúdo, quer pela sua versificação.

A estruturação do cordel é algo bem detalhado devendo ser feita uma escolha bastante cuidadosa das palavras e o local em que elas ocuparão, assegurando a compreensão, a sonoridade e o sentido de forma coerente para a construção das rimas, enquanto a temática não há nenhuma restrição.

Assim Abreu (1999 p. 108) afirma que na literatura de cordel qualquer tema pode ser explanado, desde que esteja obedecendo à forma enquanto “à rima, à métrica e à estruturação do texto, regras conhecidas pelos autores e pelo público”.

A Literatura de Cordel possui várias características que contribuem para que este gênero promova um fácil entendimento dos textos que o compõem. Dentre estes, se pode citar a sua linguagem acessível aos diferentes níveis de aprendizagem. A abordagem dos temas é retirada do cotidiano, trazendo uma

aproximação do leitor às ideias que são mostradas no texto e apresenta uma estrutura feita por rimas em sua configuração, facilitando a memorização e o entendimento do leitor ao ter contato com o texto.

Corroborando com o exposto, Curran (1998) declara que o cordel mistura fato e ficção, por isso, contribui para informar, divertir e ensinar, fazendo com que seja facilitado o processo de apreensão de significados e compreensão.

Como definições para métrica Iphan (2018 p. 22) apresentam, em seu estudo, as nomenclaturas dadas pelos cordelistas Chico D'Assis e Zé Maria de Fortaleza. O poeta Chico D'Assis conceitua métrica da seguinte forma “é a quantidade de sílabas poéticas de cada verso”. Já para o poeta Zé Maria de Fortaleza, a métrica “é a medida das sílabas de cada verso, em determinado gênero de estrofe”.

Nesse sentido, consegue-se inferir que a métrica é uma estrutura de medida para o ritmo do poema. O ritmo é um auxílio estilístico que divide o tempo do poema em períodos uniformes aos quais incide certa repetição de sonoridades fortes e fracas Chociaay (1974). Reportando-se a importância da métrica, Abreu (1999 p. 87-88) afirma:

Os padrões fixos auxiliam fortemente a composição dos poemas, atuando como um arcabouço organizador da produção: quando não se pode contar como o apoio do papel, quando não se pode revisar e reescrever, é mais operacional preencher uma estrutura já conhecida do que criar ‘livremente’.

Ainda trazendo como fonte o estudo desenvolvido por Abreu (1999 p. 112), nele o autor declara que “se a rima e a métrica forem bem feitas a gente decora fácil e dá gosto. Se tiver difícil de decorar pode ver que o folheto está mal feito”. Com muita habilidade e de forma cuidadosa o poeta cria seu poema, fazendo com que as palavras fiquem metricamente em harmonia, tendo como resultado um poema ritmado de forma perfeita.

As rimas na literatura de cordel ficam no final dos versos e são apresentadas de forma estratégica, sendo percebidas sonoramente de forma prazerosa. Sendo assim, a rima é uma:

“Relação de semelhança entre palavra e som. Palavras com significados diferentes podem ter sons semelhantes [...] tem relação com oralidade, com melodia, com a relação entre os sons na busca por harmonização, uma identificação entre os sons das palavras [...]. No vocabulário da literatura de

cordel, a unidade mais importante é o verso. Uma estrofe possui, portanto, um conjunto de versos” (IPHAN, 2018, p. 18-19)

“Além dos versos, a literatura de cordel é caracterizada também pelas “estrofes, métrica e rima constantes” conforme Ceará (1978 p. 29). Com essa estrutura o poema fica mais prazeroso para o público. Nesse sentido, a literatura de cordel é bastante atraente e fascinante aos que a lerem ou ouvem de forma cantada.

Tratando-se do padrão das estrofes, Cavalcante (1982, sem paginação) ressaltava as principais formas de escrever os cordéis, sendo nomeadas conforme a quantidade de verso em cada estrofe. Sextilha (6 versos), septilha ou setilha (7 versos), décima (10 versos), setissilábicos (7 sílabas poéticas) ou decassílabos (10 sílabas poéticas) e ainda faz definições das características enquanto à forma ou temática do cordel. Cavalcante (1982, sem paginação) afirma que:

Quando os versos são compostos em forma de narrativa, têm de ser sextilhas. [...] E assim o poeta vai continuando a narração até completar 8, 16 ou mesmo 32 páginas – as mais usadas. Pode, porém, estender-se até 64 páginas. Em cada página cabem cinco estrofes [...]. Na primeira, apenas quatro – para que o título da História, do Folheto ou do romance fique mais destacado, bem como o nome do autor.

Na sextilha é necessário conter seis versos em cada estrofe e suas rimas deslocadas, ou seja, organizada em ABCBDB, formando pares entre si, cujos versos, em sua maioria, formam narrativas. “A sextilha foi o resultado do acréscimo de dois versos à tradicional quadra. Essa modalidade se tornou a mais utilizada pelos poetas da literatura de cordel até os dias de hoje” (IPHAN, 2018, p. 31). Conforme exemplo de uma estrofe do cordel *Recomece*, de Bráulio Bessa, publicado no seu livro *Poesia que transforma*, em 2018:

Quando a vida bater forte (A)
e sua alma **sangrar**, (B)
quando esse mundo pesado (C)
lhe ferir, lhe **esmagar**... (B)
É hora do recomeço. (D)
Recomece a **LUTAR**. (B)

Quan/do a/ vi/da/ ba/ter/ for/te
e /su/a /al/ma/ san/grar,
quan/do es/se/ mun/do/ pe/sa/do
lhe/ fe/rir/, lhe/ es/ma/gar...
É/ ho/ra/ do/ re/co/me/ço.
Re/co/me/ce/ a/ LU/TAR
(BRÁULIO, 2018, p. 16, grifo nosso)

Na sextilha acima se pode notar o arranjo das rimas citadas, visto que as palavras que estão em destaque formam os pares de rimas (o 2º rima com o 4º e o com o 6º). Os outros versos que não contém rimas são chamados de versos

brancos, tendo apenas a função de auxiliar para que tenha rima nos outros, deixando-os de forma mais coerente entre os versos.

A septilha ou setilha apresenta sete versos setissilábico em cada estrofe, cumprindo a ordem das rimas em ABCBDDDB. Sendo assim, (ABREU 1999, p. 21), “as setilhas são usadas, predominantemente, nos folhetos que narram fatos circunstanciais, ‘jornalísticos’”.

A seguir um exemplo de septilha, de Bráulio e intitulado *A corrida da vida*, mas este não se trata de um cordel circunstancial.

Na corrida dessa vida (A)	Na/ cor/ri/da/ des/sa/ vi/da
é preciso entender (B)	é/ pre/ci/so/ en/ten/der
que você vai rastejar, (C)	que/ vo/cê/ vai/ ras/te/jar,
que vai cair, vai sofrer (B)	que/ vai/ ca/ir/, vai/ so/frer
e a vida vai lhe ensinar (C)	e a/ vi/da/ vai/ lhe en/si/nar
que se aprende a caminhar (C)	que/ se a/pren/de a /ca/mi/nhar
e só depois a correr.(B)	e/ só/ de/po/is a/ cor/rer
	(BRÁULIO, 2018, p. 22)

Nesta estrofe são perceptíveis as rimas entre o 2º, 4º e 7º verso, e também entre o 3º, 5º e 6º verso. Esta organização se diferencia da exatidão que é declarada por (CAVALCANTE 1982, sem paginação) sobre a setilha:

A estrofe em setilhas, também setissilábicas [...] convém notar a rimação do segundo verso com o quarto e o sétimo, e as rimas no quinto e no sexto versos. Há quem escreva sextilhas com rimas diferentes e também setilhas, mas não é a estrutura oficial da Literatura de Cordel.

Neste caso Bráulio coloca uma rima do 3º verso, junto ao 5º e 6º verso, causando uma convergência em relação às características estabelecidas. No entanto ele apresenta no mesmo cordel uma estrofe que corresponde ao que Cavalcante afirma. Vejamos:

A vida é uma corrida (A)
que não se corre sozinho. (B)
E vencer não é chegar, (C)
é aproveitar o caminho (B)
sentindo o cheiro das flores (D)
e aprendendo com as dores (D)
causadas por cada espinho. (B)
(BRÁULIO, 2018, p. 22)

“As décimas são constituídas de dez versos de sete sílabas rimando obrigatoriamente da seguinte maneira: ABBAACCCDDC” (CEARÁ, 1978, p. 30, grifo

nosso), sendo bastante utilizada por poetas em desafios poéticos, cada estrofe é fechada com uma sentença dada. Conforme os versos de Bráulio (2018), cordel intitulado *Coração Nordestino*.

Um cantador de viola (A)
fazendo verso rimado, (B)
toicim de porco torrado (B)
numa velha caçarola, (A)
um cego pedindo esmola, (A)
lamentando o seu destino, (C)
é só mais um Severino (C)
que não tem o que comer. (D)
Tudo isso faz bater (D)
um coração nordestino. (C)

Um/ can/ta/dor/ de/ vi/o/la
Fa/zen/do /ver/so/ ri/ma/do,
toi/cim/ de/ por/co/ tor/ra/do
nu/ma/ ve/lha/ ca/ça/ro/la,
um/ ce/go/ pe/din/do es/mo/la,
la/men/tan/do o/ seu/ des/ti/no,
é/ só/ mais/ um/ Se/ve/ri/no
que/ não/ tem/ o/ que/ co/mer.
Tu/do/ is/so/ faz/ ba/ter
um/ co/ra/ção/ nor/des/ti/no

As conversas de calçada, (A)
os causos de assombração, (B)
a mudança inesperada, (A)
galinha bem temperada (A)
sem usar tempero fino, (C)
quebranto forte em menino (C)
pra benzedeira benzer. (D)
Tudo isso faz bater (D)
um coração nordestino. (C)

As/ com/ver/sas/ de/ cal/ça/da,
os/ cau/sos/ de as/som/bra/ção,
a/ mu/dan/ça i/nes/pe/ra/da,
ga/li/nha/ bem/ tem/pe/ra/da
sem/ u/sar/ tem/pe/ro/ fi/no, (C)
que/bran/to/ for/te em/ me/ni/no (C)
pra/ bem/ze/dei/ra/ bem/zer. (D)
Tu/do/ is/so/ faz/ ba/ter
um/ co/ra/ção/ nor/des/ti/no
(BRÁULIO, 2018, p. 46, grifo nosso)

Nas estrofes acima, é perceptível a repetição da estrofe “tudo isso faz bater um coração nordestino” durante todo o cordel, caracterizando-o. Pode-se notar que as métricas das rimas também são respeitadas, tendo o primeiro verso rimando com o quarto e o quinto; o segundo, com o terceiro; o sexto, com o sétimo e o décimo; e o oitavo, com o nono.

Ao total são oito métricas diferentes, as quais os cordelistas fizeram uso, conforme está no site da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), porém essas foram as principais citadas por Cavalcante (1982).

Dentre as oito é importante ressaltar o martelo agalopado; este é tido como umas das modalidades mais antigas na literatura de cordel. Segundo estudos de Teixeira (2008, p. 41), o martelo atual teve como criador Silvio Pirauá Lima, é constituído por dez versos em decassílabos, assim contém dez sílabas poéticas em cada verso, seguindo a mesma disposição de rimas que a décima – ABBAACCDDC, conforme estrofe do poeta Pedro Bandeira, retirada do site da ABLC (2019):

Ad/mi/ro/ de/mais/ o /ser/ hu/ma/no (A)
Que é/ ge/ra/do/ num/ vem/tre/ fe/mi/ni/no (B)
En/vol/vi/do /nas/ do/bras/ do/ des/ti/no (B)

E ca/li/bra/do/ nas/ leis/ do/ So/be/ra/no (A)
Quan/do/ fal/tam/ três/ me/ses/ para/ um/ ano (A)
A/ mãe/ pe/ga a/ sen/tir/ uma/ mo/le/za (C)
En/tre/ gri/tos/ la/mú/rias/ e es/per/te/za (C)
Nas/ce o/ ho/mem/ e aos/ pou/cos/ vai/ cres/cen/do (D)
E /quan/do a/pren/de a/ fa/lar/ já é /di/zen/do: (D)
Quan/to é/ gran/de o/ po/der/ da/ Na/tu/re/za. (C)
(BANDEIRA, 2019)

Visto com uma variante da décima, ele se diferencia do martelo antigo o qual lhe deu origem, este criado pelo professor Jaime Pedro Martelo (1665 – 1727) – daí vem à significação do nome. Tempos depois, apareceu outra variante com rimas destacadas, denominado Martelo Solto ou de Sextilha em decassílabo.

As modalidades que foram citadas acima, dentre as três primeiras, são as principais métricas para a composição das estrofes, sendo instaurada como forma padrão da poética do cordel nordestino até os dias de hoje. Essas características advêm das cantorias que já se fixavam desde a oralidade até a escrita.

Com uma composição bastante curiosa o acróstico utiliza-se das letras iniciais das frases para formar um nome próprio, uma palavra ou seguem as letras do alfabeto de forma sequenciada. Na esfera poética, “alguns poetas costumam identificar-se como autores daquela obra através de um acróstico ou da inclusão de seu nome em um dos versos da última estrofe”. (CEARÁ, 1978, p. 32). Conforme exemplo intitulado Elias e Antonieta, do cordelista Joaquim Batista de Sena (CEARÁ, 1978).

*Justamente nessa hora
Ouvu-se Enéias dizer
Amigo Elias portanto
Queira de mim receber
Um abraço e vinte contos
Inda estão no bolso prontos
Manifestou o seu prazer*

Esse costume surgiu por parte dos cordelistas “para evitar dúvidas em relação à autoria dos versos” (MARINHO, 2012, p. 45). Assim podiam garantir a autoria de seus poemas. O uso de acróstico ainda permanece nos dias de hoje, porém, com outra finalidade, ou seja, “como uma composição poética que caracteriza esse tipo de produção literária” (MARINHO, 2012).

Marinho (2012, p. 46) fala que as xilogravuras são as ilustrações que acompanham o conteúdo do cordel, comumente, ficam na capa dos folhetos junto ao

título “o do cordel e, geralmente, vem na capa dos folhetos junto com o título”. “A ilustração, ou a xilogravura, podem vir também em páginas do meio, ou miolo, do folheto de cordel, embora seja mais raro” (MACHADO, 1982, p. 48). Apesar de ter passado por décadas de existência, a combinação da xilogravura com os poemas ainda sobrevive, os “artistas conseguiram preservar uma arte que não se desvencilhou do cordel como referência e como linguagem inspiradora, seminal, que soube se reinventar à prova do tempo” (IPHAN, 2018, p. 132).

Ainda para Marinho (2012, p. 83), “numa xilogravura, deve-se ter a ideia de um desenho [...] o tema ou a motivação que pode vir por iniciativa própria ou por uma encomenda”. O autor fala que esses desenhos ou ilustrações eram feitos em madeira, mas com o tempo os xilógrafos foram se aperfeiçoando e começaram a utilizar-se de outros recursos e ferramentas para suas confecções, por exemplo, a pedra, o metal e a impressão em papéis. “O processo de confecção da xilogravura consiste em imaginar os seres e as cenas, transpor as imagens mentais para o papel e, ao final, desenhar e cortar a madeira” (IPHAN, 2018, p. 112)

Portanto, a literatura de cordel mostra uma diversidade em relação a sua materialidade e difusão que sobrevive e se adapta do seu surgimento aos dias atuais, antes penduradas em cordas e com o decorrer do tempo passando a circular, conforme as atualizações de cada época, a exemplo, o rádio, a TV e o mais recente a internet, mostrando uma grande evolução o que não as deixa arcaica.

3. DA ORIGEM AOS DIAS ATUAIS: UMA LITERATURA QUE SE REFAZ

A literatura de cordel é hoje uma das mais importantes manifestações da literatura popular brasileira, sendo de origem europeia. Embora esteja presente em todo o Brasil, foi na região Nordeste que obteve maior destaque, onde sua força foi intensificada e onde se desenvolveu para estar na forma que está hoje. (LUYTEN, 2007).

[...] na Península
Ibérica, séculos atrás,
Essa arte teve início
Com narrativas orais
Recitadas nos castelos
E nos palácios reais.
E foi com os portugueses
Que essa arte aqui chegou,
Instalou-se no nordeste
E se aperfeiçoou,
Modernizou-se e, em seguida,
Pelo Brasil se espalhou [...]
(ACOPIARA, 2009, p. 14).

Como visto, a região Nordeste foi a primeira precursora da Literatura de Cordel no Brasil, tornando-se referência e contendo fortes características do Nordeste brasileiro e fortalecendo ainda mais a identidade regional.

A “porta de entrada” da literatura de cordel no território nacional foi o Nordeste. Em solo nordestino o cordel fincou suas raízes e floresceu: “[o nordeste] revelou ser terreno fértil para o desenvolvimento dessa arte nascida da aridez, crescida na carência e que viceja na adversidade”. (VASQUEZ, 2008, p. 12)

Nesse âmbito, cabe ressaltar que a Literatura de Cordel chegou ao Brasil transportada pelos colonizadores portugueses, a partir do “século XVI ou, no mais tardar, no século XVII e era chamada de “folhas volantes” e também de “folhas soltas” compiladas em “cadernos manuscritos”, conforme afirma Diegues Junior (1986, p. 31).

A Literatura de Cordel, ou o seu substrato, chegou ao Brasil – ou à terra que depois seria assim denominada – a bordo das primeiras caravelas. É próprio do homem, em seu deslocamento geográfico, levar consigo, além dos conhecimentos que lhe garantam a sobrevivência, a sua cultura [...]. (HAURÉLIO, 2016, P. 13 e 14)

Os colonizadores traziam juntamente com suas bagagens os seus manuscritos e histórias memorizadas, para serem utilizadas no decorrer da viagem, para passar o tempo e se descontraírem, já que as viagens eram muito longas.

Conforme documento Leandro Gomes de Barros foi o primeiro brasileiro que escreveu cordéis no Brasil. Tendo produzido cerca de 240 obras, sendo bastante conhecidas pelo imaginário popular do povo nordestino e em todo o Brasil.

É atribuído a Leandro Gomes de Barros (1865 - 1918), nascido em Pombal, Paraíba, o início da impressão sistemática das histórias rimadas em folhetos. O primeiro deles localizado, foi impresso em 1893, momento em que se multiplicavam as tipografias em todo o país. Leandro teria, pois começado a escrever folhetos em 1889 e a imprimi-los em 1893. A partir de 1909, já estabelecido no Recife, Leandro passou a viver exclusivamente da venda dos folhetos, tornando-se ao mesmo tempo autor, editor e proprietário. O apogeu da literatura de cordel no Brasil só se daria, no entanto, entre as décadas de 1930 e 1950. Nesse período, montaram-se redes de produção e distribuição dos folhetos, centenas de títulos foram publicados, um público foi constituído e o editor deixou de ser exclusivamente o poeta. Nesse processo, destaca-se a figura do editor João Martins de Athayde, estabelecido no Recife, que introduziu inovações na impressão dos folhetos, consolidando o formato no qual até hoje é impresso. (grifo nosso). (GALVÃO 2006, p. 33)

Diversos foram os escritores que foram influenciados pelo estilo de Barros e pela literatura de cordel, dentre os quais se destacam: João Cabral de Melo Neto, João Martins de Athayde, Ariano Suassuna e Guimarães Rosa. Ariano Suassuna em sua peça *“Auto da Compadecida”* se baseou nos cordéis de Barros. Com a morte de Barros, João Martins de Athayde comprou da sua esposa os direitos de publicar os vários cordéis do autor.

A cultura do cordel prevalece até hoje no nordeste brasileiro, sendo de grande importância para a preservação dos costumes regionalistas. A Literatura de Cordel não só se tornou um elemento da cultura nordestina e nortista, mas também como um divulgador das tradições regionais.

Assim explica Viana:

A poesia popular nordestina, que ainda sobrevive nos dias de hoje, é herdeira direta da tradição grega, eivada de influências dos trovadores medievais da Península Ibérica. Essa poesia, antes difundida pela tradição oral, passou a ser publicada sistematicamente, a partir da última década do século XIX, pelo poeta paraibano Leandro Gomes de Barros [...]. Cresce cada vez mais o interesse de estudantes e educadores de todo o Brasil, em especial das escolas públicas da região nordeste, pela literatura de cordel. Esse poderoso veículo de comunicação de massas, que já foi oportunamente batizado de “professor folheto”, tem sido responsável,

durante muitos anos pela alfabetização de milhares de nordestinos [...].
(VIANA 2010, p. 12)

A Literatura de Cordel pode ser narrada ou cantada, impressa em livretos ou escritos, ela tem a função de narrar fatos, entreter, ensinar, homenagear, informar, entre outros. Dessa maneira, os temas são variados, podendo ser romances, históricos, aventuras, histórias de amor e acontecimentos diversos. Por incentivar a leitura, teve uma importante contribuição para a diminuição do analfabetismo nesses locais.

Para Sampaio e Freitas (2019) o cordel nem sempre esteve em alta ou permaneceu com as mesmas características, mesmo enfrentando tempos difíceis e sofrendo mudanças em todo o tempo se fez presente. Assim, o cordel é uma arte que sobrevive e se refaz a cada dia.

3.1 Do tradicional ao contemporâneo

A literatura de cordel possui esse nome porque “havia o costume, na Espanha e em Portugal, de colocarem os livretos sobre barbantes (cordéis) estendidos, em feiras e lugares públicos, de forma semelhante a roupa em varal” (LUYTEN, 2007, p. 13). Assim eram vendidos nas feiras com impressão em papel popular.

Tendo em vista as condições e época de seu surgimento, podem-se considerar os livretos escritos e pendurados em barbantes como o primeiro meio tecnológico de difusão do cordel. Marinho (2012, p. 49) enfatiza que o cordel era utilizado pelos letrados e não letrados de forma compartilhada, os letrados compravam os folhetos para serem lidos ao público que não eram letrados.

A literatura de cordel é destacada por suas expressões e ritmos, tendo como declamadores poetas nômades que “funcionavam como verdadeiros jornalistas, contando as novidades e cantando poemas de aventuras e bravuras” (LUYTEN, 2007, p. 21). Com suas rimas, estilo sonoro e linguagem regional o público era cativado e o cordel ficava atraente e prazeroso.

Com suas várias facetas a literatura de cordel pode ser também um “meio de difusão de conhecimento, de perpetuação da história e da cultura. [...] um veículo que permite participar da vida do país, debater a realidade, expressar necessidade e aspirações do povo” (CEARÁ, 1978, p. 17). Os poemas em versos tiveram

notoriedade entre o povo e passou a fazer “parte da vida de nordestinos que viviam no campo, dependendo da agricultura ou nas cidades, com seus pequenos comércios” (MARINHO, 2012, p. 18). Pegando as influências do contexto que se encontrava o cordel passou a refletir sobre os acontecimentos e inquietações do povo que vivia nas cidades, firmando que estava distante de ocultar-se.

Luyten (2007, p. 18) mostra que, devido à disseminação dos jornais, à aparição da televisão, às mudanças das populações rurais para as metrópoles e o aumento dos transtornos sociais, alguns pesquisadores de folclores condenaram os folhetos à extinção. Contudo, ao oposto do que imaginaram isso não aconteceu e de vários motivos que levaram a essa ocorrência, um deles é que “a literatura de cordel é considerada um dos elementos de maior comunicabilidade dos meios populares”.

Outro motivo que levou o cordel a se expandir foi o fato de o poema ser construindo com “ritmo nas frases e a semelhança das partes finais ou iniciais que facilitam tremendamente a memorização” (LUYTEN, 2007, p. 11). Com a popularidade do cordel a elite também passou a se interessar, sendo utilizado até então somente pelos menos favorecidos.

Cada vez mais os cordéis ganhavam novos adeptos. A procura estava tão grande que os comerciantes de cordel vendiam milhares em um só dia, muitas pessoas passaram a ter interesse pelos folhetos, tanto das regiões rurais quanto das urbanas, pobres e ricas. Ceará (1978, p. 29) explicita as diversas condições que o levaram a esse sucesso: o aumento da população e o surgimento de novos centros urbanos acabaram impulsionando as atividades artesanais e comerciais.

A literatura de cordel no final da década de 1950 até o início da década de 1970 passa por uma crise. Conforme Ceará:

A novela do rádio e da televisão parecia ter substituído o romance de cordel no gosto popular. Através dos modernos meios de comunicação de massa, o povo recebia notícias de fatos ocorridos em todo o mundo. Os cow-boys da televisão e os kung-fus teriam substituído o cangaceiro. (CEARÁ, 1978, p. 21 Apud RIBEIRO, 2020).

Após uma quase morte a literatura se refaz se adapta e mais uma vez volta de forma renovada e evoluída para essa nova realidade. “Ela estava nos rádios e até na televisão, surgindo em número cada vez maior de estudos, fazendo filmes sobre

sua temática [...]. As tiragens aumentaram, a rede de distribuição cresceu, a xilogravura esteve nos salões de artes plásticas” (CEARÁ, 1978, p. 21).

Ribeiro (2020, p. 15) menciona que há 40 anos o autor expõe a capacidade que o cordel tem de se moldar às situações de cada época, a literatura de cordel está sempre em crescimento, pois ela se junta e se adequa a essa nova era do sistema de comunicação, fazendo uso dos meios tecnológicos de comunicação para a sua difusão mostrando-se flexível.

Com isso o cordel adquiriu um novo público, agora o utilizando como forma de entretenimento. Dessa forma, para agradar esse público distinto, os “elementos de cordel são introduzidos nas novelas, nos palcos, nos salões de artes plásticas, recriados, ou melhor, readaptados ao ponto de vista e ao gosto desse novo público” (CEARÁ, 1978, p. 22). As opiniões e conceitos dessa nova camada passa a ter uma grande influência nas produções do cordel e, lentamente o seu interesse vai desarraigando dos leitores habituais, que eram os humildes, os da roça e em sua maioria analfabetos.

Contudo, a xilogravura ainda está sendo conservada por essa literatura, pois ela “resume e sintetiza a história narrada, expressando o sentido mesmo da narrativa” (GONÇALVES, 2011, p. 224). Esse tipo de desenho é o que configura, ou seja, expressa a imagem do cordel.

Atualmente, a literatura de cordel tornou-se popular, e é conhecida em todo o território brasileiro, em todas as formas, a saber, na forma oral em apresentações teatrais, mídia televisa e redes sociais, impressa em livros, jornais e/ou folhetos.

A literatura de cordel ainda é conhecida como expressão poética popular, pois o autor se apropria de seu conhecimento empírico para compartilhar uma visão de mundo com o seu público, permitindo fazer uma síntese específica do cotidiano, dos escritos, do ouvido, do vivido, que agrega a ela novos valores e faz com que ela se atualize com o mundo contemporâneo, por meio de um processo de resignificação, tornando-a uma das mais belas e eficazes expressões populares de crítica e opinião. (RIBEIRO, 2020, p. 28)

Em meio à globalização e aos meios de comunicação de massa que só crescem a cada dia, o cordel da contemporaneidade utiliza-se também da rede mundial de computadores. Augusto (2013, p. 15) declara que a internet além de ter fortalecido e complementado os folhetos impressos ele menciona os motivos de os cordelistas utilizarem desse veículo, pretendendo “facilitar a divulgação do trabalho,

ampliar a circulação das obras e permitir o estabelecimento de contato entre autores, público e demais interessados na literatura de cordel”. Com isso vê-se a literatura de cordel utilizar-se das tecnologias contemporânea, tendo-a propagado e fortalecido.

Por fazer uso da universalização dos veículos de comunicação e por conseguir se adaptar e evoluir, essa literatura ocasionou um aumento no número de pessoas, por ser diferentes dos folhetos que são limitados quanto à divulgação porque dependem da tiragem e do espaço. Nesse sentido, dia após dia a cultura popular brasileira está sendo mais beneficiada com as divulgações feitas na sociedade midiática.

Wirtti (2007, p. 32) certifica que, outro tema além do quadro político brasileiro é utilizado, a saber, “assuntos como futebol, fofocas, manifestações culturais e fatos noticiosos também viram temas para esses textos”. Mesmo sendo escritos hoje, os textos mostram uma “tensão entre o passado e o presente, entre o tradicional e o atual” (GONÇALVES, 2011, p. 224).

A literatura de cordel contemporânea carrega a mesma estrutura do cordel que é considerado tradicional, no que se refere à métrica, a rima e ao ritmo. Hoje, por causa de sua propagação através da mídia, mais pessoas estão tendo acesso a ela, causando um crescente aumento nas leituras das mesmas e um maior conhecimento sobre essa linda arte.

3.2 Relações entre literatura de cordel e as mídias digitais

A mídia digital teve seu ápice aproximadamente com o processo de globalização. O jornal, a telefonia fixa e rádios foram os primeiros meios de comunicação e divulgação de notícias em massa que foi utilizado através da mídia analógica. Conforme Lemos (2015, p. 80), afirma “os novos media (digitais) aparecem com a revolução da microeletrônica na segunda metade da década de 1970 através de convergências e fusões principalmente no que se refere à informática e às telecomunicações”. Assim, um conjunto de recursos tecnológicos foi desenvolvido, como: computadores, celulares e TVs digitais.

Atualmente a tecnologia por estar em toda parte faz-se presente no dia a dia de diversas pessoas, e de várias formas, como lazer, como informação e trabalho,

fazendo com que a comunicação seja elevada a proporções inimagináveis. Facilitando a comunicação e contribuindo para que o indivíduo se mantenha informado em qualquer lugar e a qualquer hora.

Thompson (1998, p. 35) afirma que “o desenvolvimento da mídia transformou a natureza da produção e do intercâmbio simbólicos no mundo moderno”. Com isso, houve muitas mudanças em diversos meios e principalmente na literatura. A internet trouxe muitas facilidades para o acesso aos textos literários, tornou-se um recurso de fácil acesso e cheio de praticidade como nunca houve antes.

Como esse advento chegou gratuitamente ao público interessado uma infinidade e diversidade de acervos e não só representados como texto original, mais também em outras formas, por exemplo: as releituras que auxiliam na compreensão geral, e que em alguns casos, torna-se mais lúdico, como prova, podem ser destacados os romances quando são transformados em histórias em quadrinhos, curtas metragens e etc.

Conforme Lemos (2015, p. 116), a internet é um produto de aponderamento social, “age como potencial decentralizadora do poder tecnoindustrial-mediático, abrindo ‘uma rede verdadeiramente aberta e acessível’ [...] ‘um ambiente de expressões onde nenhum governo pode controlar’”. Logo, ela é um espaço de comunicação em massa que permite a conexão de pessoas de forma democrática em qualquer lugar do mundo.

O conteúdo veiculado na rede não tem como ser controlado, os textos que fazem parte do espaço virtual são conhecidos como hipertextos e o acesso pode ser feito por meio de *links* e *hiperlinks*, fazendo com que indivíduo percorra através de cliques. Sobre hipertexto Levy (1999, p. 27) conceitua:

Hipertexto é um texto em formato digital, reconfigurável e fluido. Ele é composto por blocos elementares ligados por links que podem ser explorados em tempo real na tela. A noção de hiperdocumento generaliza, para todas as categorias de signos (imagens, animações, sons etc.), o princípio da mensagem em rede móvel que caracteriza o hipertexto.

Diante disso, os textos começaram a possuir uma maior interatividade, podendo ser tanto de autoria coletiva, como individual, não precisando ter necessariamente uma linearidade, além disso, apresenta diversas ferramentas que podem auxiliar na leitura e na busca de informações. Assim, com a introdução da

literatura no ciberespaço, começa a surgir novos interesses aos adeptos da produção virtual, contribuindo assim para o surgimento de novos escritores.

Diante de todas essas inovações, a Literatura de Cordel não ficou para trás, chegando a ocupar espaço na TV em forma de novelas, séries baseadas em produções cordelísticas, programas televisivos, dentre outros. Atualmente existem diversas páginas que são dedicadas exclusivamente para divulgação desta literatura no mundo virtual, que é conhecida como ciberespaço, conforme definida por Levy (1999, p. 92), como:

[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço.

Nesse sentido, ao acessar a rede de internet pelo computador, pelo celular ou qualquer outro meio tecnológico, é possível ter uma conexão ao um mundo paralelo, que permite sanar dúvidas das pessoas e também adquirir mais conhecimento, pensamentos, compartilhar gostos e desejos.

No ciberespaço não é preciso ter a presença física dos indivíduos para que haja uma comunicação entre eles. Isso é possível porque é através dos sistemas de computadores e celulares que ficam interligados que acabam trazendo essa possibilidade a virtualização das informações em diversos sites, blogs e em redes sociais.

Assim, para que haja uma maior facilidade das pessoas, estes meios contêm várias ferramentas de navegação, que trazem a possibilidade de fazer comentários, dar curtidas e fazer compartilhamentos, causando um aumento e mais facilidade de contato entre autor e leitor/ouvinte. Conforme Recuero (2009, p. 24):

Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) (Wasserman e Faust, 1994; Degenne e Forse, 1999). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões.

Os “atores sociais” são compreendidos como representações e construções identitárias da rede social que estão ligados, uma única rede pode conter mais de um ator social. De acordo com Recuero (2009, p.36), “a interação mediada pelo computador é também geradora e mantenedora de relações complexas e de tipos de valores que constroem e mantêm as redes sociais na Internet.” O maior exemplo é o facebook e o Youtube, sendo bastante utilizado neste meio.

É importante frisar que os traços identitários da literatura de cordel são na tradição da oralidade. Diante disso, Abreu (1999) ressalta:

A literatura é definida pelos seus aspectos formais, a saber: a estrutura, a métrica e a rima que são produzidas pelo seu próprio autor e vendidas, vista como uma arte popular nordestina, e aos poucos estão perdendo alguns desses traços, em consequência dos avanços tecnológicos, as formas que são divulgadas e a comercialização, não cabem mais ao autor, pois passaram a serem impressos e divulgados pela própria editora, e a comercialização não está mais sobre a responsabilidade do autor, mais sim, das livrarias físicas ou digitais (ABREU, 1999, p. 19).

Portanto, o leitor/ouvinte atualmente, pode ter a opção de comprar o livro ou o próprio e-book, e ainda há diversas publicações em sites da internet que deixa estes textos e vídeos de declamações disponíveis para que o público possa acessá-los.

4 O CORDEL DE BRÁULIO BESSA

**“Sonhar é verbo: é seguir, é pensar,
inspirar e fazer força, insistir, é lutar,
transpirar.
São mil verbos que vem antes do
Verbo realizar.”
Bráulio Bessa**

Diante das transformações e evoluções que estão ocorrendo no Brasil e no mundo em todos os ângulos, é de suma importância destacar as evoluções tecnológicas, que a cada dia se transforma e cresce, sendo necessário obter uma uniforme adaptação ao mesmo. Com isso, quando se menciona essa busca pelo novo, pode-se trazer como figura de destaque o cordelista que está ganhando bastante espaço e notoriedade nesse meio tecnológico, em especial nas mídias sociais, que tem por nome Bráulio Bessa.

Ele é um cordelista que está propagando a Literatura de Cordel em todo Brasil, tendo conquistado seu espaço nesse meio e está aproveitando para fazer a divulgação desse gênero. Nesse contexto, a sua popularidade se deu por ter participado do programa Encontro com Fátima Bernardes.

No final de 2014, a produção do programa *Encontro com Fátima Bernardes* me procurou pela primeira vez. Desde 2011, eu mantinha uma página no Facebook com mais de um milhão de seguidores, a Nação Nordestina, e naquela época viralizou um vídeo em que eu aparecia declamando o poema “Nordeste independente”, de Bráulio Tavares e Ivanildo Vila Nova, que falava sobre o preconceito contra nordestinos. Como esse assunto estava na pauta do programa, me convidaram para falar. Quando vi o e-mail com o assunto “Encontro com Fátima Bernardes”, pensei logo: é vírus! Declamei meu poema sobre mãe e, quando terminou o programa, me chamaram e disseram: “Que coisa bonita, o que é isso?” Isso é poesia. “Mas que tipo de poesia?” Poesia popular nordestina, cordel. “Você escreve sobre tudo?” Escrevo. Meu sonho é transformar a vida das pessoas através da poesia. Para isso, tenho que escrever sobre tudo (BESSA, 2018, p.11).

Bráulio Bessa Uchoa é um poeta nordestino que, já na época de sua adolescência, interessava-se muito pela poesia e desejava ser poeta, seguindo, principalmente, o exemplo do cordelista Patativa do Assaré.

Meu sonho de ser poeta começou aos 14 anos, com um trabalho escolar. A tarefa era pesquisar sobre a vida de autores brasileiros, e eu, por acaso, peguei Patativa do Assaré. Nunca tinha ouvido falar e não fazia a menor ideia de quem era. Fiquei com uma inveja de quem pegou Carlos Drummond de Andrade... Enfim, fui para a biblioteca e a moça me entregou dois livros. Um deles era grande como uma revista e na capa estava ele, Patativa, segurando uma bengala, na frente de uma casa de taipa, usando

seus característicos óculos escuros. Aquela imagem de sertanejo me fez ficar apaixonado. Deixei Carlos Drummond de Andrade pra lá, eu quero é ficar com esse cabra mesmo! Levei para casa e fiquei hipnotizado. Li os poemas, e essa coisa da rima, da métrica, não me cansava, eu queria ler mais. Os poemas falavam do povo, do Ceará, da seca, e eu me enxergava dentro daquilo tudo, entendia que ele estava falando de mim, dos meus avós, dos meus pais, dos meus vizinhos, do meu universo. Fui me encantando e foi um choque pra mim, porque me vi querendo ser poeta. Eu queria ser que nem Patativa do Assaré e um dia lançar um livro também. Foi esse o primeiro choque de transformação. Vi que a poesia podia transformar vidas e falei isso de forma muito superficial para mim mesmo, sem perceber que eu estava sendo transformado naquele momento. [...]. (BESSA 2018, p.26)

Dessa forma, foi por meio desse trabalho escolar que surgiu o desejo e a inspiração para se tornar poeta, sendo um divisor de águas para ele, pois foi transformado com um livro na mão e contato com a leitura.

Não foi ninguém que chegou falando, não fui pra psicólogo, minha mãe não ficou me dando conselhos. Nada disso. Foi o meu contato com a leitura, com a poesia, com a história do autor que me fez ver que era possível, porque estava acontecendo comigo. (BESSA, 2018, p. 34)

Com sua participação no programa, começou a dá mais ênfase e aperfeiçoamento aos seus poemas, ao declamar utilizava-se de rimas e o faz em voz alta ao público. Os temas de suas obras geralmente são sobre assuntos atuais principalmente relacionados a acontecimentos marcantes do cotidiano e da sociedade, utilizando também as datas comemorativas em seus poemas.

Heróis da vida real

Eu acredito em heróis
de carne, osso e suor.
Heróis que acertam e erram,
heróis de uma vida só,
heróis de alma e de corpo
que um dia vão virar pó.

Os verdadeiros heróis
vivem histórias reais,
não são estrelas famosas,
não estampam os jornais,
são como eu e você,
seres humanos mortais.

É aquele professor,
que ensina o aluno a ler.
É alguém que mata a fome
de quem não pode comer.
Herói é quem faz o bem
sem nenhum superpoder (BESSA, 2018, p. 71).

Aqui ele utiliza o poema “*Heróis da vida real*” para fazer uma crítica à sociedade atual, que valoriza somente o que não tem grande valor, pois para ele o valor está nos detalhes dos pequenos gestos diários e no bem que é feito ao próximo, utilizando-se de seu conhecimento de mundo, para escrever seus poemas, costume utilizado pelos poetas cordelistas.

Bessa utiliza seus poemas para trazer reflexões e informações sobre os fatos e acontecimentos que estão ocorrendo na sociedade e traz em seus versos uma forma única, cativando as pessoas e fazendo com que elas vejam a realidade através de seus ricos poemas aparentemente simples. O poema “*Redes Sociais*” além de ser um tema de suma importância para o mundo foi um tema de grande relevância para os dias atuais, já que tem sido alvo de diversos problemas sociais e principalmente emocionais nas pessoas que há utilizaram, havendo um uso excessivo.

Redes sociais

Lá nas redes sociais
o mundo é bem diferente,
dá pra ter milhões de amigos
e mesmo assim ser carente.
Tem like, a tal curtida,
tem todo tipo de vida
pra todo tipo de gente.

Tem gente que é tão feliz
que a vontade é de excluir.
Tem gente que você segue
mas nunca vai lhe seguir.
Tem gente que nem disfarça,
diz que a vida só tem graça
com mais gente pra assistir.

Por falar nisso, tem gente
que esquece de comer,
jogando, batendo papo,
nem sente a fome bater.
Celular virou fogão,
pois no toque de um botão
o rango vem pra você. (BESSA, 2018, p. 45)

Sendo assim, é importante destacar que além de seguir toda a linguagem, postura e outros elementos, Bessa utiliza-se das métricas com grande maestria. O poema citado no caput “*Redes Sociais*” contém na íntegra onze septilhas (estrofes com sete versos) e uma décima (estrofe com dez versos), além de apresentar uma

redondilha maior em sua estrutura, a qual é caracterizada por conter versos de sete sílabas poéticas.

Por meio da observação da declamação de seus poemas nos vídeos que são publicados nas redes sociais e no seu quadro “*Poesia com Rapadura*”, no programa de Fátima Bernardes da rede globo, é possível perceber a forma como Bessa os recita, sempre em voz alta, configurando uma das características marcantes de um cordelista.

Ao recitar suas poesias, ele utiliza-se de um pedestal com microfone e em pé declama as frases por ele construídas em forma de poesia, sempre acompanhadas por uma música instrumental, fazendo gestos e articulando movimentos em sua voz em sintonia cada verso, sendo um dos elementos principais de suas obras.

Performance implica competência. Além de um saber-fazer e de um saber-dizer, a performance manifesta um saber-se no tempo e no espaço. O que quer que, por meios linguísticos, o texto dito ou cantado evoque, a performance lhe impõe um referente global que é a ordem do corpo. É pelo corpo que nós somos tempo e lugar: a voz o proclama, a escrita também, comporta, é verdade, medidas de tempo e espaço: mas seu objetivo último é delas se liberar. A voz aceita beatificamente sua servidão. A partir desse sim primordial, tudo se colore na língua, nada mais nela é neutro, as palavras escorrem, carregadas de intenções, de odores, elas cheiram ao homem e à terra (ou aquilo com que o homem os representa) (ZUMTHOR, 2007, p. 157).

Os poemas de Bessa são marcados por sua performance criativa, sendo que ao recitar cada um ele utiliza-se de vestimentas conforme o que irá recitar para poder prender a atenção e instigar o receptor. Zumthor (1997, p. 216), fala que esses elementos são essenciais para a construção da atuação:

Gesto, roupa, cenário com a voz se projetam no lugar da performance. Mas os elementos que constituem cada um deles, movimentos corporais, formas, cores, tonalidades, e as palavras da linguagem compõem juntos um código simbólico do espaço.

O gênero literário Cordel ganhou uma nova roupagem no Brasil, por meio das mídias sociais com os poemas de Bessa, trazendo para o povo brasileiro, uma forma mais atualizada desse gênero, sendo mais atraente, simples e com o linguajar do povo.

A literatura de cordel teve seu auge entre as décadas de 1930 e 1950, atingindo grandes vendas e sendo a profissão principal (às vezes única) de milhares de poetas. Hoje seu mercado se retraiu no Nordeste, mas por outro lado expandiu-se em capitais como São Paulo. Além disso, o interesse de pesquisadores e estudiosos de universidades brasileiras, europeias e norte-americanas tem dado à poesia do cordel aval importante para que seja vista com simpatia e sem preconceito dentro das escolas, e através de outros meios de comunicação como jornais, revistas, cinema e televisão. (TAVARES, 2005, p. 126)

Em abril de 2017, Bráulio fez o lançamento do seu primeiro livro, com “uma ruma de sentimentos e pensamentos de um fazedor de poesias” (BESSA, 2018, p. 12), intitulado como *Poesia com Rapadura* (editora CENE). O livro foi feito por poemas já conhecidos pelo público, por meio de suas declamações na TV e por outros novos que já estavam guardados no coração do poeta.

O seu segundo livro foi lançado em julho de 2018, *Poesia que Transforma* (editora Sextane), sendo o 7º livro mais vendido durante a Festa Literária Internacional de Paraty, evento este que possibilitou uma maior visibilidade a obra, com isso conquistou a 4ª posição na categoria ficção dos livros mais vendidos do Brasil e na categoria geral, ficou na 20ª posição.

Assim, é uma obra em homenagem a poesia cordelística e a tudo que ela pode proporcionar. No livro além dos seus poemas o autor conta sua história, sua trajetória como poeta e ativista cultural, e sua transformação advinda da poesia dando espaço e voz às pessoas que lhe escreviam todos os dias, falando o quanto a poesia tinha feito diferença e causado mudanças na vida delas. Por isso, ao final do livro há uma seleção das histórias mais comoventes.

Com seus emocionantes poemas, alguns deles inéditos, Bráulio Bessa conta a história do menino de Alto Santo, que virou poeta no interior do Ceará e ativista cultural. Desde seu primeiro encontro com a obra de Patativa do Assaré até a sua fama na televisão o poeta mostra o quanto a poesia transformou sua vida.

O livro foi ilustrado pelo artista baiano Elano Passos, traz também vários depoimentos de seus fãs de todos os locais do Brasil, afirmando ainda mais o quanto as palavras de Bráulio são capazes de gerar pequenas e grandes mudanças na vida das pessoas. O próprio autor assume que ao sentir dor se abraça ao seu próprio poema:

Gosto de comparar a poesia a um abraço, que consegue fazer um carinho na alma sem nem saber qual é a dor que você está sentindo. A poesia se

adapta à sua dor. É um abraço cego e despretenso, como quem diz: 'Venha! Tá doendo? Pois deixe eu dar um arrocho, que vai lhe fazer bem (BESSA, 2018, p.20).

Bessa se sente extremamente feliz e realizado por saber e ver que seus poemas alcançaram um grande público e que de alguma forma ajudaram diversas pessoas.

Hoje, meus poemas são lidos/sentidos por milhões de pessoas e continuam sendo conversa comigo mesmo. No exato momento em que escrevo estas palavras, estou revirando um pozinho que andava adormecido, calmo, no fundo do poço da minha alma. (BESSA, 2018, p. 9)

Logo, os 35 poemas escritos no livro *Recomece*, tornou-se um “clássico”, possuindo um título impactante, o autor deixa o leitor viver e colocar em prática o que diz em cada estrofe do poema, incentivando-o e indagando-o sobre o texto.

4.1 Cordelista Bráulio Bessa

Bráulio Bessa Uchoa nasceu em 1985, no interior do Ceará, numa pequena cidade chamada Alto Santo. Conhecido como “o neto de Dedé sapateiro”, advindo de uma família humilde, criado pela mãe juntamente com seus dois irmãos. Com os pais separados, sua mãe costurava até as madrugadas para conseguir o sustento da casa, e ele, sendo o filho mais velho, viu a necessidade de ajudar a família.

Bráulio retrata muito de suas vivências em seus textos: “e muitas vezes, às quatro da manhã, eu me balançava numa rede, o galo cantando, ouvia o motor da máquina de costura ligado, era mamãe costurando para dar de comer a três meninos”. (BESSA, 2018, p. 36)

Logo cedo foi desacreditado sobre o caminho que teria decidido percorrer, o da poesia. Com isso, sentiu-se pressionado e decidiu fazer vestibular. Assim, entrou para a faculdade de Análise de Sistemas em Limoeiro do Norte. Não chegou a se formar, mas para ele foi de grande valia apesar de não se relacionar com sua grande paixão, que era a poesia, teve tudo a ver, lá na frente, conforme afirmou em uma palestra no TEDxFortaleza (2016) “isso foi muito importante para meu desenvolvimento e para minha luta de hoje, pela cultura”.

Sua vida sempre foi muito ativa, da infância aos dias atuais, na adolescência, assim que começou a escrever seus próprios poemas, viu uma forma de divulgá-los

e se divertir por meio do teatro de sua cidade, sobrando tempo para ainda fazer parte de uma banda da cidade. Todavia, sua paixão pelos poemas só aumentava, não tendo saída. “Deus desenha um negócio do jeito dele, não adianta querer se meter”, diz Bessa (2018, p. 36), e a cada peça criada pelo próprio poeta, que inclusive era o protagonista de todas, chegou ganhar prêmios na época, por meios de competições que participava.

Em 2012, com a criação de uma página na internet ganhou maior visibilidade em todo o Brasil, criou a página para divulgar seus cordéis sobre o nordeste, por meio dos vídeos que eram publicados. Assim, seus textos traziam reflexões acerca de valores, afetos, dos anseios, dos sentimentos e dos acontecimentos passados na sociedade.

4.2 A literatura de cordel de Bráulio nas redes sociais e na Televisão

Unindo a sua paixão pela poesia e o desejo de mostrar a riqueza e a valorização do Nordeste para o mundo, Bráulio criou uma página no facebook com o nome Nação Nordestina, esta foi lançada no dia 14 de dezembro de 2011, pelo próprio Bráulio Bessa e atualmente vem sendo considerada e premiada como um dos maiores movimentos virtuais do planeta, destinada à divulgação da cultura nordestina, reunindo mais de um milhão de pessoas.

Conforme é citado em um trecho da obra *Poesia que transforma* (2018, p. 50-51); ao qual é narrada de forma detalhada sobre a iniciativa da criação da página:

Em 2011, no meio de uma onda de ataques preconceituosos contra o povo nordestino, principalmente nas redes sociais, criei uma fanpage no Facebook chamada Nação Nordestina. Apesar de já escrever poemas desde os 14 anos, naquele momento eu não achava que existisse um público interessado em poesia. O que eu via era a carência de um movimento que valorizasse a cultura popular nordestina de forma geral: artesanato, culinária, música, poesia e, acima de tudo, a essência do homem sertanejo. Por isso criei a página. O povo nordestino estava se sentindo inferiorizado, ferido. Como um povo tão gentil, prestativo, que recebe tão bem, podia ser tão atacado? E como o ataque vinha das redes sociais, pensei que a melhor ferramenta para combater isso era usar essas mesmas redes sociais. Mas não agredindo de volta, e sim mostrando o que o Nordeste tem de bom. [...]

Foi um negócio assustador. Em alguns meses eu tinha um milhão de seguidores! Isso numa época em que grandes marcas não chegavam a esse número. A Xuxa não tinha um milhão de seguidores. O McDonald's não tinha um milhão de seguidores. E o meu público era 100% orgânico, eu não tinha um real para divulgar.

A página se tornou um ponto de encontro. Passei a receber 200 mensagens por dia de gente que sofria preconceito. As pessoas viam a página — e quem estivesse por trás dela — não só como uma espécie de psicólogo pra desabafar, mas também como um justiceiro para dizer aos criminosos o que eles mereciam ouvir. Um nordestino sofria preconceito no elevador, chegava em casa, ia na página e mandava uma mensagem para a Nação Nordestina. Comecei a ter um contato muito forte com isso e a perceber como era tão comum [...].

Bráulio um menino do interior, de família pobre, sem dinheiro, porém um grande sonhador ficou estupefato ao perceber que a internet foi o meio ao qual sua voz ecoou aos quatro cantos do mundo, permitindo que chegasse a um público quase que incontável. Logo, essa arte não permaneceu somente nas redes em formato de textos, ela foi evoluindo e sendo disseminada através de vídeos, assim como conta Bráulio Bessa (2018, p.51-53) no seu livro:

Nas eleições de 2014 mais uma vez houve uma enxurrada de ataques contra nordestinos, dizendo coisas como 'a culpa é do Nordeste', 'tem que excluir o Nordeste do Brasil', 'o Nordeste é um lixo' etc. Eu já desenvolvía um trabalho com a Nação Nordestina havia algum tempo e estava muito envolvido com a causa. Depois de ter lido tantos depoimentos de vítimas de preconceito, me doeu muito ver novamente todos os ataques. Então me lembrei de um poema de que eu gosto muito, de Bráulio Tavares e Ivanildo Vila Nova, chamado 'Nordeste independente'. Não é um poema com mensagem separatista; é um recado bem-humorado para quem diz que o Nordeste devia se separar. Se o Nordeste fosse excluído do país, quem perderia era o Brasil. No calor da hora, resolvi gravar um vídeo dando uma resposta para essas pessoas que atacavam nordestinos nas redes sociais. Peguei a câmera, botei um chapéu de cangaceiro, liguei e comecei: Já que existe no Sul este conceito que o Nordeste é ruim, seco e ingrato, já que existe a separação de fato, é preciso torná-la de direito. Quando um dia qualquer isso for feito todos dois vão lucrar imensamente começando uma vida diferente da que a gente até hoje tem vivido: imagine o Brasil ser dividido e o Nordeste ficar independente. [...] Eu não queria aparecer. Se eu quisesse que o poema viralizasse, teria publicado na página que já tinha um milhão de seguidores. Já eu era um anônimo, mas naquele momento senti que precisava falar aquilo como Bráulio Bessa, brasileiro, nordestino, alto-santense, matuto de pai, mãe e parteira, eu queria fazer com que as pessoas agredidas sentissem coragem pra lutar contra a xenofobia. Depois de postar o vídeo, fui para a casa de minha mãe, como fazia todas as noites, e quando voltei, duas horas mais tarde, o vídeo estava com 500 mil visualizações e esse número crescia a cada minuto. No dia seguinte eu tinha 180 mil seguidores, da noite pro dia. [...]

A poesia de Bráulio alçou voos inimagináveis, encantando toda a nação brasileira. Com tanto sucesso, logo foi notado pela mídia, conquistando um espaço no programa de TV Encontro com Fátima Bernardes, sendo consultor de Cultura Nordestina, fazendo suas apresentações com temas diversos sob um olhar poético,

fazendo com que ele fosse considerado um dos maiores ativistas da cultura nordestina no mundo.

Apesar de utilizar o cordel nas mídias digitais como forma de auxiliar uma causa e com o intuito de defender o preconceito a toda população cultural do nordeste, Bráulio acaba trazendo à tona a importância e a reflexão sobre o poder transformador da literatura, pois através dos seus ricos poemas ele acaba levantando uma crítica à xenofobia e ao mesmo tempo mostra a riqueza da diversidade e a identidade nordestina com seus peculiares dialetos e aspectos culturais.

Dessa forma, fica nítido que o cordel de Bráulio na mídia não tem somente a intenção de deixar o autor popular ou reconhecido, passando, portanto, a ter a função de levar a uma reflexão e crítica social ao público, retomando assim uma das funções características da literatura de cordel.

Logo, as reações que suas produções conseguem através dos suportes digitais são diversas, vai do emocional à transformação de conceitos e por meio do poeta o cordel tornou-se um representante da cultura popular, com uma abordagem diferenciada sobre a poética da vida.

4.3 Literatura no folheto x Literatura na rede

A presente parte deste estudo monográfico destinou-se a realizar uma análise comparativa da literatura de cordel em seu formato tradicional (folheto) e sua nova roupagem (na rede), a fim de perceber e identificar as distinções e comparar suas características, levando em consideração o tempo de produção de cada uma delas, com o fim de apresentar as análises acerca das mudanças que englobam o fazer poético do cordel.

Os cordéis escolhidos foram “*O Cavalo que Defecava Dinheiro*” do poeta e pioneiro na impressão de folhetos, Leandro Gomes de Barros que foi um dos principais nomes da história da literatura de cordel no Brasil, e o cordel “*Recomece*” do poeta contemporâneo, Bráulio Bessa, atualmente considerado um dos maiores ativistas no mundo da cultura nordestina.

O cordel *O cavalo que defecava dinheiro* é uma narrativa apresentada entre dois personagens principais e seus confrontos: o Pobre e o Duque, sendo

apresentado como protagonista O Pobre que é um matuto esperto e inventivo, que se utiliza de seus artifícios para se sobressair sobre seu adversário; e ocupando o papel de antagonista o Duque, era rico, invejoso, ambicioso, com poucos conhecimentos e sem princípios morais, e por várias vezes era enganado pelo sábio matuto.

Publicado em forma de folheto e escrito em 77 sextilhas (estrofes com seis versos) em redondilha maior (verso de sete sílabas poéticas), no poema é narrado a história de um sujeito que consegue sobreviver somente pela sua esperteza e habilidade, aplicando o que a literatura de folhetos se conhece como “quengos” uma maneira de sobreviver enganando as pessoas, aplicando golpes, conforme mostra a seguinte estrofe:

O/ ve/lho/ ia/ pen/san/do (A)
De en/con/trar/ mui/to/ di/nhei/ro (B)
Po/rém/ su/ce/deu/ com/ ele (c)
Do/ jei/to/ do/ boi/a/dei/ro (B)
Que/ quan/do/ che/gou/ em/bai/xo (D)
Não/ ti/nha um/ só/ os/so in/tei/ro (B) (BARROS, s.d., s/p)

O cordel *Recomece* é considerado pelo poeta Bráulio (2018, p. 19) como um clássico, foi criado mediante a pauta do programa *Encontro* em julho de 2017, sendo evidenciada a história de uma garota que tinha perdido diversos familiares em um deslizamento no morro do Bumba, em Niterói (RJ).

Bráulio (2018, p. 20) afirma que a história da garota o inspirou a escrever esse poema e que ao escrever não havia percebido que o poema falava com todo mundo, independente do recomeço ou o motivo da dor, sendo um conselho dado ao público através das palavras. Logo, o poema é estruturado em redondilha maior, com nove estrofes em sextilhas, com exceção da nona em décima.

Quan/do a/ es/tra/da/ for/ lon/ga (A)
e/ seu/ cor/po/ fra/que/jar, (B)
quan/do/ não/ hou/ver/ ca/mi/nho (C)
nem/ um/ lu/gar/ pra/ che/gar... (B)
É/ ho/ra/ do/ re/co/me/ço. (D)
Re/co/me/ce a/ CA/MI/NHAR. (B) (BESSA, 2018, p.16)

Diante do exposto, algumas características podem ser destacadas, dentre elas, a estrutura que se mostra sendo o esquema rítmico sem mudança, enquanto a tradição, em rimas ABCBDB, e estrofes em sextilhas setissílabas e as modificações

relacionadas ao meio de veiculação dessas produções, em que uma é impressa em folhetos, a outra num programa de televisão global e posteriormente nas mídias digitais, a saber: YouTube, Facebook, Instagram e Whatsapp, bem como em livro com um formato semelhante a um romance.

Sendo veiculada em diferentes suportes, a literatura de cordel nas mídias digitais acaba invadindo o nosso dia a dia. Trazendo certa diferença entre o cordel de Leandro, que antigamente as pessoas só tinham acesso ao cordel inteiro ou parte dele, depois que o adquiriam ou quando o autor o recitava nos locais públicos, onde eram comercializados.

A literatura de cordel mais uma vez deu uma reviravolta e migrou da feira para a mídia. Atualmente as pessoas não têm acesso somente os cordéis dos poetas contemporâneos, mas praticamente a todos os cordéis de épocas distantes, com o avanço tecnológico eles foram digitalizados para uma plataforma digital, sendo recriado e logo em seguida postado em diversas mídias.

Em relação à temática, por não ter seguido algum padrão, não se pode afirmar que houve mudanças. Mas ao analisar os cordéis, é possível inferir que apesar de terem temáticas distintas, os temas abordados se assemelham ambos retratam o dia a dia e conservam as características de uso de uma linguagem coloquial.

Outra mudança bastante relevante é o desaparecimento da xilogravura – ilustrações que vieram das técnicas manuais de fazer as gravuras em forma de relevo na madeira; técnica que era muito utilizada antigamente nos folhetos. Bráulio não faz uso dessa técnica, porém em seu livro *Poesia que transforma* (2018), ele não traz exatamente as xilogravuras, mas traz meras ilustrações quiçá no intuito de ter certa aproximação de tal.

Portanto, essas foram algumas das mudanças encontradas na comparação dos cordéis escolhidos para análise. É importante destacar que estas características não alteraram o gênero, visto que a métrica da literatura de cordel que foram definidas desde o início de suas impressões, continuou conversada, tendo apenas inovações enquanto os recursos utilizados para produção e divulgação dos cordéis. Assim, outras mudanças podem surgir com o tempo, já que a literatura se adapta ao meio social e pode ser influenciada pela época vivente.

5 CONCLUSÃO

O foco desta pesquisa foi mostrar as modificações pelos quais a literatura de cordel percorreu durante esta árdua caminhada diante do tempo e do espaço ao qual estavam inseridas até conseguir se enquadrar nos moldes, principalmente tecnológicos, que a sociedade de hoje exige.

Foi possível perceber com este estudo que os cordelistas conseguiram transportar aos poucos a literatura de cordel para os espaços mais assistidos pelas pessoas, ocasionando a quebra em relação a sua tradicional forma de produção, de comercialização e exposição de sua arte nos folhetos antigos.

Uma das principais causas da necessidade de mudança pauta-se no desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e informação, sendo um dos propulsores para que os cordelistas percebessem a necessidade e buscassem adequar seus poemas à mídia digital.

A tecnologia possibilita a circulação de conteúdos em alta escala de forma ágil, em um ambiente tido como democrático, é fato que ela é cheia de suportes que facilitam a comunicação. Com isso, a literatura de cordel deixa-se influenciar por essas inovações e ultrapassa as barreiras do folheto e adentra a mídia, trazendo uma maior proximidade dos sujeitos/leitores, sendo transportada do tradicional para o moderno. Antes para ouvir o poeta recitar/cantar nas feiras, era necessário apenas parar nos locais escolhidos, hoje os meios mudaram e aumentaram, utilizam-se da imagem, do som, do microfone, da TV, dentre outros.

O caminho percorrido por Bráulio Bessa, que foi abordado nesta pesquisa monográfica, pode ser utilizado como exemplo de uma pequena parte do processo de mudança ocorrido no cordel. O poeta contemporâneo foi muito perspicaz e sábio ao usar em seu favor os recursos tecnológicos para divulgação de sua arte e leva-la a uma grande parte da sociedade, a qual tem fundamental importância para o sucesso que o cordelista conquistou neste meio.

Por meio deste estudo, ficou notório que a divulgação dos cordéis nos suportes digitais não destrói sua essência de produção cultural nordestina. Contudo, por meio dela se forma um novo grupo de cordelistas, que, de alguma forma, libertam a literatura de cordel, deixando-a atual, mas sem perder seus traços culturais.

As várias facetas que foram citadas sobre o cordel nesta monografia, mostram apenas uma parte das mudanças que ocorreram desde a época da colonização até os dias atuais.

Dessa forma, não se pode descaracterizar essa nova configuração de produção nas mídias digitais, uma vez que a maioria dos cordéis que veiculam nestes espaços possuem características que os demarca com uma literatura de cordel brasileira, nos que diz respeito às métricas, ordem das rimas e uma linguagem com marcas de oralidade. Assim, a literatura de cordel transformou-se para aproximar-se da realidade dos indivíduos da sociedade contemporânea.

Diante disso, qualificar os cordéis criados e divulgados com o auxílio desses suportes ainda é prematuro, uma vez que se vive em uma “sociedade instantânea” onde os conteúdos circulam em um fluxo gradativo e surge essa necessidade de adequar-se ao meio para não serem abandonados.

Pode-se, então, perceber que o cordel penetra na mídia como busca de legitimidade, somente por ser visto com uma cultura que fica a margem. Assim, quando se depara com o cordel na mídia, nota-se que o acesso desse gênero literário está ilimitado e vivo. O cordel, portanto, é forma de hipertexto, que revive a literatura e ganha lugar na cultura popular virtualizada.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, K.P.C.M. O cordel na contemporaneidade: a perseverança de um símbolo da identidade nordestina numa sociedade de multimeios. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 7-17, mai. 2013.

BESSA, Bráulio. **Poesia com rapadura**. Fortaleza: CeNE, 2017.

BESSA, Bráulio. **Poesia que transforma**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

CEARÁ, Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social. Antologia da literatura de cordel. Fortaleza, v i. 1978.

DIÉGUES JÚNIOR, M. Características dos ciclos temáticos. **Literatura popular em verso**: estudos. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973, tomo I, p. 24-329.

CURRAN, M. J. **Cuíca de Santo Amaro**: controvérsia no cordel. São Paulo: Hedra, 2000. Biblioteca de cordel.

GALVÃO, A. M. O. **Cordel**: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONÇALVES, M.A. Imagem-palavra: a produção do cordel contemporâneo. Sociologia & Antropologia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.— v.1,n.2 (nov.2011)—Rio de Janeiro: PPGSA, 2011.

HAURÉLIO, Marco. **Breve História da Literatura de Cordel**. 2ª edição. São Paulo: Editora Claridade , 2016.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Literatura de Cordel Dossiê de Registro. Brasília, 2018.

LE MOS, André. **Cibercultura tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 7. ed. Porto Alegre: Sulina. 2015.

LUYTEN, J.M. O que é literatura de cordel. São Paulo. Brasiliense, 2007.

MACHADO, F. Cordel: xilografia & ilustrações. – Rio de Janeiro: cordecric, 1982. (Coleção Edições do Pasquim; v. 140, 2014).

MARINHO, A.C. O cordel no cotidiano escolar. – São Paulo: Cortez, 2012.

NASCIMENTO, João Bosco do Monte; SANTOS, Francisco Pereira. **A Literatura de Cordel Como Fonte de Informação**: um Olhar Historiográfico e Conceitual. Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação, 2015. Disponível em: < hfile:///C:/Users/Dell/Desktop/12-Texto%20do%20artigo-52-1-10-20150622.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2020.

RODRIGUES, Maria Janiele de Almeida. **Literatura de Cordel**: uma estratégia lúdica no ensino de geografia - Cajazeiras, 2017. 53p. Bibliografia

SCHAEFER, Bruna. **Poesia como “clamor”**: Uma leitura de poemas de Bráulio Bessa Uchoa. Disponível em: file:///C:/Users/Dell/Desktop/SCHAEFER.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2020.

TAVARES, Bráulio. *Contando história em versos*: poesia e romanceiro popular no Brasil. São Paulo: Ed. 34, 2005.

TEIXEIRA, Larissa Amaral. **Literatura de cordel no Brasil**: os folhetos e a função circunstancial. 2008. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1840/2/20513195.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2021.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Trad. Wagner de Oliveira Brandão; revisão de tradução Leonardo Avritzer. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

VASQUEZ, Pedro Afonso. O universo do cordel. In: INSTITUTO CULTURAL BANCO REAL. **O universo do cordel**. Recife: Banco Real, 2008.

VIANA, Arievaldo e HAURÉLIO, Marco. **Cem anos de xilogravura na literatura de cordel**. Academia brasileira de literatura de cordel, Rio de Janeiro, Disponível em: <http://www.ablc.com.br/cem-anos-de-xilogravura-na-literatura-de-cordel/>. Acesso em: 28, jul. 2021.

WIRTTI, C.L.P. A literatura de cordel como crônica contemporânea: a desmistificação da tradicionalidade. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Faculdade de Ciências Sociais aplicadas, Curso de Comunicação Social. Brasília, 2007.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Tradução Jerusa Pires Ferraira; Maria Lúcia Pochat; Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.